



POR LUIZ BERSOU,
 BCA - WCS CONSULTORIA
 ✉: LUIZBERSOU@BCACONSULTORIA.COM.BR

COMO SALVAR O BRASIL DE NÓS MESMOS?

O livro *Colapso*, de Jared Diamond, registra historicamente como nações escolhem o caminho do fracasso ou do sucesso. Algo mais importante: a obra conta como é fácil errar na escolha do caminho, além de relatar como são criados estados de inconsciência que permitem erros tão clamorosos a ponto de afetar a vida de gerações.

Nos últimos 50 anos ficou evidente que, no Brasil, sempre preferimos o caminho do fracasso, por conta de contextos ideológicos e uma forma de funcionar que não nos permite aprender com os erros. Nossa história mais recente foi de muitas escolhas erradas. Mais uma vez parece que a opção foi pelo caminho do fracasso.

Estamos em um contexto mercadológico marcado por baixa taxa de poupança e, conseqüentemente, também de investimento, criando um imenso gargalo na estrutura de capital. Ao contrário do que nos ensina a Teoria das Restrições, de Goldratt, preferimos acelerar o consumo, inclusive com renúncia fiscal.

Inclusão Social versus Inclusão Econômica

O governo quis acelerar o consumo a pretexto de possibilitar a inclusão social. O que fez na verdade, porém, foi apenas uma tentativa de inclusão econômica, algo muito mais pobre do que uma verdadeira inclusão social. Talvez aqueles que estavam à frente de tal plano não conhecessem a diferença das ações.

Em países com gargalo na estrutura de capital, contas públicas desorganizadas e baixa capacidade produtiva, acelerar o consumo significa, de fato, acelerar a inflação. Para segurar essa pressão, foram sacrificados os setores energético, de combustíveis (como o etanol) e de energia elétrica. Vale lembrar ainda que um governo inchado – e com renúncia fiscal – só pode acarretar mais deficit nas contas internas, com alta de dívidas inúteis.

Ao contrário dessa lógica, quando observamos a recente história da Coreia do Sul, percebemos o significado e o valor da dívida útil para o desenvolvimento de um país. Enquanto a dívida inútil sustenta o custo, a útil alavanca a economia e provê a capitalização. Os gestores públicos, porém, infelizmente também não entenderam a diferença. Na Coreia, a dívida útil, que significa investimentos públicos com ótimos resultados para o mercado, alavanca a atividade de ciclos curtos e gera progresso econômico e capitalização. Tudo isso é coroado com muita educação e geração de conhecimento, algo comprovado pela enorme quantidade de patentes – algo que, diga-se de passagem, não temos.

As nações que se salvaram de si mesmas

De importância histórica, o Império Otomano gerou como herdeiro o Império Hitita. Quando os líderes do sistema daquele tempo perceberam que os modelos estavam ficando obsoletos, Mustafá Kemal Atatürk entrou em cena e mudou tudo. Desde então, a Turquia, que nasceu daquele império, modernizou-se e transformou-se em uma nação importante no contexto mundial.

Em um caminho que estava levando à pobreza, promoveram mudanças importantes, particularmente na educação, para saírem da rota do fracasso e entrarem na do sucesso. Podemos afirmar que a Turquia foi uma nação que salvou de si mesma, pois não teve medo de enfrentar tabus e hierarquias determinadas pelo poder religioso nem de questionar direitos adquiridos.

Cingapura era um entreposto inglês no território da antiga Malásia. Lee Kuan Yew, primeiro-ministro do país, fez profundas reformas com uma história muito conhecida de mão de ferro. Hoje, Cingapura figura como o território mundial de maior valor das empresas familiares. Tornou-se uma nação de ponta em educação e conhecimento. Enfim, é uma referência para os outros países atualmente.

Roberto Campos, economista e diplomata brasileiro, certa vez citou duas viagens a Cingapura, sendo a segunda 20 anos após a primeira. Observou a transformação percebida localmente, lamentando, por outro lado, a visão tupiniquim dos políticos brasileiros, que impediram nosso país de seguir o mesmo exemplo daquela nação.

Eu morava na Itália quando aconteceu o atentado da Piazza Fontana em Milão na década de 1960. A Itália era um país em crise econômica crônica. Naquele momento, o atentado agudizou a crise e, então, tudo se transformou. Durante muitos anos o modelo de política econômica e industrial italiano, focado em valorizar a média e a pequena empresa, deu muito certo e foi exemplo para outras nações, como a Irlanda, por exemplo. Na época, saíram do caminho do fracasso e foram para o do sucesso.

Há cinco anos atendi a um cliente indiano que faturava US\$ 500 milhões por ano na década de 1990. Quando nos encontramos, em período mais recente, perguntei a ele sobre a evolução do faturamento. Os ganhos tinham subido para mais de US\$ 5,5 bilhões por ano. Eu o cumprimentei, mas ele minimizou o êxito, dizendo: “Todos cresceram e todos tiveram sucesso; não fizemos nada de mais”. Até hoje sua empresa continua construindo o caminho do sucesso. A Índia, com democracia, vem crescendo de forma quase equivalente à China, que tem regime ditatorial.

Comparando outras nações, como Grécia, França e Espanha, percebemos também como a ideologia pode nos levar para longe do caminho do sucesso. No caso da Inglaterra, foi para o centro do caminho do sucesso. Agora, nos perguntamos: e o Brasil?

O Pacto de Moncloa e os empresários brasileiros

Tive a honra de trabalhar com cidadãos espanhóis ligados a Felipe González, presidente do governo espanhol durante o período democrático, com mandato de 13 anos e meio, um dos mais longos da democracia. Ele fez do Pacto do Palácio de Moncloa a virada de mesa da economia espanhola, em frangalhos depois de tantos anos de franquismo, e isso transformou a Espanha daquela época. Uma observação muito importante a ser feita sobre o governo González é sobre os empresários, que foram figuras reconhecidas no processo de mudança e de grande destaque, tanto no pacto como nos resultados posteriores, gerados em prol do crescimento econômico.

No Brasil assistimos a uma série de malabarismos em que se busca minimizar o deficit fiscal. O foco do governo é nele mesmo. Nos debates que estão em curso não aparece a figura das entidades representativas dos empresários com a força necessária à mudança, em um momento em que não se pode entrar em estagnação – ponto em que, aliás, já estamos.

Mais do que nunca precisamos aumentar a produtividade, a competitividade, a geração de conhecimento; enfim, buscar mais do que nunca o mercado externo, para aprendermos a ser competitivos e aumentar nossa taxa de poupança, a fim de criarmos condições de investir mais. O que mais se sente é a ausência dos empresários na mídia e a diminuição das taxas de poupança.

O Brasil se salvando de si mesmo

Vemos entre os empresários um estado de espera pelo que pode vir do governo. A meu ver, não há o que esperar, pois, quando as nações estão em crise, o que vale é um estado de liderança e uma definição clara do caminho a seguir. Se nossas entidades de classe não se manifestarem com muito mais veemência, quem falará em nosso favor?

Somente os empresários têm noção do que é trabalhar de verdade e gerar riquezas. Precisamos transformar nossas entidades de classe em verdadeiros fóruns de construção de produtividade e competitividade. Já na época de Mario Amato na presidência da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) já clamávamos por essa mudança de posicionamento. No limite, o verdadeiro direito de uma empresa é o de ter caminhos e condições para ser competitiva – e não ser atrapalhada nessa caminhada por um estado burocrático e fiscalista. ■